

Campus Repórter

2022 • EDIÇÃO 27 • FACULDADE DE COMUNICAÇÃO • UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SOS CERRADO

A devastação

ATAQUE AO ALVO

A cultura do cancelamento

PROTAGONISTAS DO INVISÍVEL

Infertilidade e esperança

MESTRADO & DOUTORADO

Linhas de Pesquisa:

Imagem, Estética e Cultura Contemporânea

Poder e Processos Comunicacionais



UnB

Programa de Pós-graduação
em Comunicação

Carta do editor

Na carta do editor da edição de número 24 da Campus Repórter destacamos o desolamento e o vazio dos campi da UnB no final daquele primeiro semestre letivo do ano de 2020, realizado entre agosto e dezembro, de forma remota. Foi a primeira experiência da universidade com o distanciamento social imposto pela pandemia da Covid-19, que só no Brasil matou, até meados de maio, cerca de 660 mil pessoas, segundo dados consolidados pelo “consórcio de veículos imprensa” brasileiro.

A partir do dia 6 de junho de 2022, os campi voltaram a ocupar os espaços que permaneceram praticamente vazios desde março de 2020, com a volta das atividades em salas de aulas, laboratórios, instalações administrativas e amplos espaços abertos, com seus alunos, professores, funcionários, prestadores de serviços e visitantes. É a volta presencial banida no período mais crítico da pandemia das atividades de ensino, pesquisa e extensão, que não deixaram de ocorrer, mesmo remotas.

Esta é a quarta edição semestral da Campus Repórter produzidas sob a pandemia e o isolamento. E a partir de agora, todas as edições, desde 2007, estão disponíveis em site da revista (que abrigará também a cada semestre a nova versão digital. Ao longo desses mais de dois anos de pandemia, os trabalhos de reportagem, edição e editoração da revista resultaram de um enorme esforço dos estudantes, com o apoio dos professores, retratando como a UnB utilizou formas criativas para manter suas atividades e como a cidade de Brasília e parcela de sua população lutaram para sobreviver.

Nesta última edição sob a grande sombra da Covid-19 temos uma grande reportagem sobre o cerrado, a segunda maior formação vegetal brasileira, que vem sofrendo uma grande devastação, e outra sobre o cancelamento digital, de pessoas famosas ou não, que invadiu as redes sociais como uma “cultura” que não dá chance ao tropeço, celebra ódio e ostracismo. Um projeto final de curso de Jornalismo deu origem à reportagem Protagonistas do Invisível, que conta as lutas e histórias de infertilidade e de esperança de casais em busca de filhos. Completa a edição um ensaio fotográfico resultante de 13 anos de trabalho em torno da Esplanada dos Ministérios, que buscou construir imagens para estimular o debate e uma releitura desse espaço na Capital Federal.

Aproveitem os conteúdos da revista. Desejamos que a volta das atividades presenciais permita à UnB recuperar totalmente o ambiente de convivência que faz parte dos 60 anos de sua existência, completados no mês de abril.

Prof. David Renault Coordenador da Edição Executiva

SOS CERRADO 6

PROTAGONISTAS DO INVISÍVEL 18

ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS 26

ATAQUE AO ALVO 38

SOS CERRADO

A segunda maior formação vegetal brasileira, com uma biodiversidade supreendente, vem sofrendo uma grande devastação que coloca em risco centenas de espécies de animais e plantas.

Texto: Manoella Oliveira e Ruan Acioli
Diagramação: Giulia Caldas
Fotografia: logo Chirola | Débora Guedes



Cerrado faz parte de um imenso mosaico de tipos de vegetação, solos, climas e topografias. São aproximadamente 2 milhões de km² espalhados por 10 estados, ou 23,1% do território nacional, classificados como uma savana tropical na qual a vegetação herbácea coexiste com mais de 420 espécies de árvores e arbustos esparsos. O solo é antigo, profundo, ácido e de baixa fertilidade, contendo altos níveis de ferro e alumínio.

É um bioma caracterizado por ricas e diferentes paisagens que se estendem ao longo dos rios, onde há fisionomias florestais, conhecidas como florestas de galeria ou matas ciliares. Toda essa diversidade e heterogeneidade abrangem muitas comunidades de mamíferos e de invertebrados, além de uma importante pluralidade de microorganismos, como fungos associados às plantas que ali existem.

“Atualmente, o Cerrado, que já conta com cerca de 52% do bioma devastado, é o principal território por onde avança o agronegócio no país e ainda a principal fronteira agrícola para sua expansão, sendo devastado mais rápido do que a Amazônia. O Cerrado perdeu 9.483 km² de vegetação em 2015, um número que equivale a mais de seis cidades de São Paulo e supera em 52% a devastação na Amazônia no mesmo ano”

O Cerrado é cortado por três das maiores bacias hidrográficas da América do Sul (Tocantins, São Francisco e Prata), o que favorece a manutenção de uma biodiversidade surpreendente. A flora da região possui aproximadamente 10 mil espécies de plantas diferentes, que são muito usadas na produção de cortiça, fibras, óleos, artesanato, além do uso medicinal e alimentício. Tudo isso, sem contar as 759 espécies de aves que se reproduzem na região, 180 espécies de répteis, 195 de mamíferos, sendo 30 tipos de morcegos catalogados na área. Um outro número que surpreende é o de insetos, apenas na área do Distrito Federal há 90 espécies de cupins, mil espécies de borboletas e 500 tipos de abelhas e vespas.

Tem um clima tropical com uma estação seca pronunciada. A topografia varia entre plana e suavemente ondulada, favorecendo a agricultura mecanizada e a irrigação. Mas, por outro lado, estudos revelam que apenas cerca de 20% do Cerrado ainda possui vegetação nativa em estado relativamente intacto. É aí que começam os problemas.

Devastação sem precedentes

A ocupação do Cerrado teve início no século XVIII com a mineração de ouro através dos Bandeirantes paulistas. Com a chegada desses povos, um enorme ciclo de exploração começou e perdura até os dias atuais. A fundação de Brasília, na década de 1950, por exemplo, foi uma das grandes responsáveis por essa acelerada degradação ambiental do bioma, hoje cortado por grandes rodovias.



O espaço ocupado pelo Cerrado equivale à soma das áreas da Espanha, França, Alemanha, Itália e Inglaterra. Dispõe de uma rica biodiversidade e uma aparência árida, decorrência dos solos pobres e ácidos e de contar com apenas duas estações climáticas - seca e chuvosa. Ainda assim, diante de toda a fartura, riqueza e importância, uma das regiões de maior diversidade do planeta, ainda é um bioma pouco estudado e conservado.

Colocando em números toda essa degradação e risco de extinção para várias espécies de animais e plantas, o Ministério do Meio Ambiente estima que 20% das espécies nativas e endêmicas já não existem mais em áreas protegidas, e que pelo menos 137 espécies de animais típicos do Cerrado estão ameaçadas de extinção.



O Observatório do Clima, que é uma rede de 37 entidades da sociedade civil formada com o objetivo de discutir as mudanças climáticas no contexto brasileiro, prevê que o Cerrado continue perdendo 1% de sua área remanescente todo ano. Além disso, alguns dados de 2019, divulgados pelo projeto Map-Biomas (rede colaborativa de co-criadores formado por ONGs, universidades e empresas de tecnologia organizados por biomas e temas transversais), indicam que o desmatamento acumulado no bioma neste século foi três vezes maior do que o registrado na Amazônia, proporcionalmente ao tamanho da área de vegetação remanescente.

Tudo isso se soma ao fato de que, dentre os biomas brasileiros, o Cerrado é o que possui a menor porcentagem de áreas sob proteção integral: apenas 8,21% de seu território é legalmente protegido por unidades de conservação. “Atualmente, o Cerrado, que já conta com cerca de 52% do bioma devastado, é o principal território por onde avança o agronegócio no país e ainda a principal fronteira agrícola para sua expansão, sendo devastado mais rápido do que a Amazônia.

O Cerrado perdeu 9.483 km² de vegetação em 2015, um número que equivale a mais de seis cidades de São Paulo e supera em 52% a devastação na Amazônia no mesmo ano”, afirmam Gerardo Cerdas Vega e Joice Bonfim, em texto da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, 2018.

A agonia de um bioma

Um estudo internacional coordenado por pesquisadores brasileiros, publicado em 23 de março de 2017 na revista científica *Nature Ecology & Evolution*, apontou que o avanço do desmatamento no Cerrado poderá resultar na extinção de 1.140 espécies de plantas nos próximos 30 anos. Esse número é oito vezes superior a todas as espécies de plantas registradas e extintas desde 1.500 em todo o mundo. Mas os autores sinalizam que esse quadro pode ser evitado sem ocasionar prejuízos para a agricultura, e apontam para uma série de políticas públicas e privadas já em implementação ou em desenvolvimento que, caso coordenadas e com foco neste objetivo, poderiam evitar o quadro de extinções projetado.

Manejo controlado do fogo no Cerrado

O uso controlado do fogo é hoje empregado em vários países, como Austrália, África e Estados Unidos. Isso acontece para evitar incêndios nos períodos secos onde o fogo chega até as matas de galerias de forma mais brusca, ameaçando mananciais, nascentes e todo um ecossistema.

“O trabalho se faz a partir da redução de material combustível de uma área, evitando incêndios que ameacem os ecossistemas e contribuindo ainda para a redução de emissões de gases de efeito estufa”, afirmou o Secretário do Meio Ambiente do DF, Sarney Filho, em workshop sediado pelo Jardim Botânico de Brasília que reuniu técnicos e representantes de universidades envolvidos nos estudos e experiências de Manejo Integrado do Fogo (MIF). Usando como exemplo o Distrito Federal, o Parque Nacional de Brasília tem realizado diversas ações de manejo, incluindo as queimadas controladas, que são prescritas durante o período de chuvas e início da seca. Desde o início da prática, de acordo com o gerente de Fogo do Parque Nacional de Brasília, Manoel Eurípedes da Silva, os índices de incêndios diminuíram no local. “Se deixarmos o capim crescer durante vários anos, ele se transforma em combustível certo para alastrar o fogo. Com o manejo, evitamos danos maiores à área protegida”, afirma.

Desde 2014, os Governos Federal e alguns estaduais, usando de dados ecológicos nacionais e internacionais, passaram a adotar as ações de manejo do fogo, ressaltando a medida como simples, técnica, de baixo custo e, sobretudo,

valorizando o conhecimento tradicional das comunidades da região.

Agricultura (sustentável?)

O Cerrado é, depois da Mata Atlântica, o ecossistema brasileiro que mais sofreu alterações a partir da ocupação humana. Os principais impactos ambientais foram causados por garimpos, que contaminaram os rios com mercúrio e provocaram o assoreamento dos cursos de água, ou seja, o bloqueio por terra. A erosão causada por essas atividades mineradoras têm sido tão intensa que, em alguns casos, chegou até mesmo a impossibilitar a própria extração do ouro rio abaixo.

Mas nos últimos tempos, surgiram novos problemas: a expansão da agricultura e da pecuária, o número reduzido de áreas de conservação, a caça ilegal, o crescimento populacional e políticas agrícolas e de mineração impróprias, que são hoje os maiores fatores de risco para o Cerrado brasileiro. O uso de técnicas de aproveitamento intensivo dos solos, por sua vez, tem provocado, nos últimos anos, o esgotamento dos recursos locais.

Responsável por 60% de toda a produção de grãos do Brasil, o Cerrado foi vítima de quase um terço dos desmatamentos que aconteceram no país no ano de 2020. O uso de agrotóxicos e fertilizantes também têm um papel importante na contaminação do solo e da água.

De acordo com o professor de gestão ao agronegócio e ambiental da Universidade de Brasília, Antônio de Almeida Nobre Júnior, a ocupação do cerrado em termos de agricultura de pastagem abrangeu uma grande área em um curto espaço de tempo, modelo não recomendado.

“É possível ter produtividade sem agressão ao ambiente”

“O ritmo de ocupação que ocorreu no cenário — nós estamos falando em menos de 50 anos — não tem precedentes. É um fenômeno que não se deve repetir na história”, afirma.

Por outro lado, o Cerrado brasileiro é considerado o bioma com maior potencial para agricultura sustentável do mundo, e é isso que defende a engenheira agrônoma da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do DF (Emater-DF), Gesinilde Radel Santos, que diz que, hoje, há uma série de ações que podem ser feitas e que caminham dentro do campo das boas práticas agrícolas. “Há uma série de coisas que devem ser observadas no controle de pragas. Outra ação é o manejo do solo, o uso de terraço, cobertura de solo, plantio direto. Todas essas tecnologias, se empregadas, podem tornar a propriedade muito mais sustentável”, afirma.

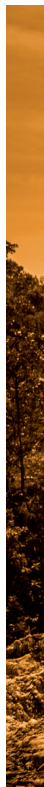
Para a engenheira, produzir sustentavelmente funciona como uma reação em cadeia. “Começa com o benefício local do produtor, que vai preservar seu solo, área, água, seu ambiente e, a partir disso, vai se expandindo. Quando o pro-

ductor preserva e cuida, o redor dele será impactado. Ele vai deixar um legado para gerações futuras e disseminar essas ações ao seu redor”, acredita. “É possível ter produtividade sem agressão ao ambiente”, completa.

De Onça pintada à Lobo-guará

A Chapada dos Veadeiros, em Goiás, é famosa por sua rara beleza. Do alto de imensos paredões rochosos, a água cristalina jorra em quedas que podem atingir mais de cem metros. É o caso do Salto do Rio Preto, que, junto a outras centenas de cachoeiras e corredeiras, exhibe abundância de águas. Sem deixar de mencionar a riqueza da fauna e da flora, que em nada perde para os mananciais.

Ao contrário da parte sul do Estado, que sofre intensa degradação, a parte norte-nordeste do território ainda dispõe de grandes blocos contínuos de áreas preservadas. Tanta riqueza outorga ao território o título de Reserva da Biosfera e faz com que o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros seja reconhecido como sítio do Patrimônio Mundial Natural pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)





“Esta é uma das poucas regiões do Cerrado que ainda mantém remanescentes da vegetação nativa com extensão territorial capaz de suportar espécies que demandam grandes áreas para sobreviver, como a onça pintada, tamanduá-bandeira, anta, lobo-guará”, explica o Doutor em Ecologia e ex-diretor do Centro UnB Cerrado, André Cunha.

Ocorre, nos atuais limites da Chapada dos Veadeiros, ao menos 17 espécies de plantas ameaçadas de extinção, além de algumas das últimas populações de animais raríssimos no Cerrado, como o icônico pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*), da onça-pintada (*Panthera onca*), do sócô-boi-rajado (*Tigrissoma fasciatum*), da águia-cinzenta (*Urubitinga coronata*), da codorna-mineira (*Nothura minor*), do

tico-tico-mascarado (*Coryphaspiza melanotis*) e de outras espécies que estão desaparecendo junto com o bioma.

A Chapada dos Veadeiros também é muito importante do ponto de vista evolutivo. Diversas espécies de vertebrados, notadamente de anfíbios, ocorrem exclusivamente lá e apenas lá, podendo ser considerada um “ninho” para a formação de espécies ao longo da evolução. Por conta disso, é corriqueiro o registro de novas espécies, ainda não formalmente descritas em periódicos científicos especializados, como anfíbios, lagartos, roedores, peixes, dentre outros. A Chapada dos Veadeiros parece guardar seus segredos com cuidado, revelando-os apenas àqueles que buscam o conhecimento com dedicação.

Esforços para preservar

Compreendendo a importância desse espaço geográfico, surgiu a necessidade de unir esforços da sociedade civil organizada e pesquisadores(as) mobilizados(as) pela defesa e sustentabilidade do Cerrado, para trabalhar e pensar em como levar a Universidade de Brasília (UnB) para a região da Chapada, providenciando recursos de emendas parlamentares e um terreno para a edificação da sede de um centro de pesquisa e extensão para se debruçar sobre o Cerrado e seus povos.

Nesse contexto, em 2011, nasceu o Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros (Centro UnB Cerrado), em Alto Paraíso de Goiás (GO), com a missão de promover a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento regional sustentável da Chapada dos Veadeiros, por meio da produção, da divulgação e da aplicação de conhecimentos científicos e do diálogo de saberes.

Com uma sede localizada na cidade de Alto Paraíso de Goiás-GO e uma Secretaria no Campus Darcy Ribeiro, em Brasília-DF, o Centro conta com 18 professores efetivos e 4 professores/pesquisadores que atuam como colaboradores. O quadro é composto por docentes da Universidade de Brasília e pesquisadores de outros estados e instituições.

Ecologia dos anfíbios; povos tradicionais, saberes e fazeres; indicadores de qualidade ambiental; geoquímica e qualidade das águas são algumas das linhas de investigação científica protagonizadas por pesquisadores do Centro UnB Cerrado.

“O Centro tem potencial para contribuir com ensino, pesquisa e extensão com temas ligados ao Cerrado. Acho que aí reside sua importância para a preservação do bioma”, ressalta Maria Júlia, atual diretora do Centro UnB Cerrado e bióloga da Universidade de Brasília.



Vale acrescentar que a região da Chapada dos Veadeiros é uma reserva de proteção integral — onde é permitido somente o uso indireto dos recursos para fins como o turismo ecológico e a pesquisa científica, proibindo-se o consumo, a coleta ou o dano aos recursos naturais. Por isso mesmo o parque tem importância fundamental para a manutenção da fauna da Chapada dos Veadeiros, em especial dos mamíferos de médio e grande porte. Essa população é estudada desde 2012 pelo Centro UnB Cerrado.

E essa união de esforços tem se empenhado cada vez mais para auxiliar a preservar a riqueza e as peculiaridades que a fauna do Cerrado dispõe. Estudos realizados pelo Centro apontam que diversos animais vêm sofrendo ameaças de extinção, em especial, a onça-pintada e o pato-mergulhão. Segundo Maria Júlia, essas espécies têm necessidades especiais. “O pato mergulhão, por exemplo, é uma ave aquática que vive em regiões com rios margeados por grandes escarpas de rochas, onde faz seus ninhos. A ocorrência desse animal é restrita apenas ao Brasil, na Serra da Canastra, em Minas Gerais e em mais uma outra área”, afirma a bióloga. Segundo ela, a preservação dessa espécie é fundamental para a conservação dos rios, beneficiando diversas espécies aquáticas.

Já a onça-pintada é uma espécie que necessita de grandes áreas para sua sobrevivência. Ela ocorre em todo Brasil, em áreas de florestas e matas. “É considerada uma espécie bandeira, pois a preservação dela beneficia outras espécies não tão emblemáticas”, acrescenta Maria Júlia.

“Preservar a natureza é preservar a si mesmo”

E em meio a todas essas questões, a Universidade de Brasília se encontra inserida no centro do Cerrado. Dessa forma, assume o compromisso de realizar diversas pesquisas vindas de muitas áreas da instituição sobre temas relacionados ao bioma. “A importância do centro na Chapada reside no fato de que aqui estamos na região central do bioma Cerrado, onde ocorrem as nascentes de alguns dos principais rios do Brasil”, afirma a diretora do Centro UnB Cerrado, Maria Júlia. “É uma região de altitude de até 1.600 metros e com uma vegetação muito peculiar, como campos de altitude, veredas e campos rupestres, que abri-

gam uma fauna muito importante para a biodiversidade brasileira”, acrescenta.

Preservar a natureza é preservar a si mesmo. Somos todos parte dela, defendem ambientalistas em todo o mundo. Especificamente no Brasil, “o problema do Cerrado só seria resolvido se todos os envolvidos tivessem consciência de que os recursos naturais não podem ser renovados do mesmo modo que eles são consumidos”, conclui Eduardo Bentes Monteiro, professor da Faculdade de Comunicação da UnB e pesquisador do Centro UnB Cerrado.

Grito (do cerrado)

Corações cerrados
devaneados
no chão vivido
torto, ressequido
árido
e empoeirado.
Que crasta
arrasta
queima
sem dilema...
Pari alarido
sofrido
num socorro
caldorro
de miseração,
num grito a destruição...
Chora o cerrado
devastado.

Por Luciano Spagnol, 64 anos,
é mineiro e poeta do Cerrado.



PROTAGONISTAS DO INVISÍVEL

Histórias de infertilidade e de esperança

Os desafios, frustrações e alegrias de pessoas que buscam silenciosamente ter filhos.

Texto: Andreia Moraes
Diagramação: Júlia Guedes

A carioca Rosângela Figueiredo, assistente administrativa de 51 anos, trabalha acolhendo pessoas em situação de vulnerabilidade social. Conhecida como Regina Casé de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro situada a 25 km da capital, desde 1994 ela e seu marido, Flávio, tentam sem sucesso ter um filho. Eles fazem parte de uma multidão, quase sempre invisível, de pessoas que não podem ter filhos e que representam cerca de 48 milhões de casais e 186 milhões de indivíduos, de ambos os sexos, em todo o mundo, segundo dados publicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em setembro de 2020. Informações da Associação Brasileira de Reprodução Assistida, de 2019, estimam que, no Brasil, 8 milhões de pessoas podem ser inférteis

Rosângela trabalha no Centro de Triagem ao Coronavírus de São Gonçalo e procura atender a todos com um sorriso, independentemente da classe social. Vaidosa, usa roupas combinando. “Eu costumo combinar cores, uma para cada dia, para alegrar o meu dia e o das pessoas”, declara. Como profissional, a atuação dela não se resume a questões administrativas, pois escuta, tira dúvidas e dá atenção aos mais diversos problemas que as pessoas, infectadas ou não, possuem sobre a doença. “Amo o que faço e tento, por meio de um bom dia, boa tarde ou até mesmo pelo meu bom humor, transformar o dia de alguns”.



“Quando decidimos ter um filho, criamos expectativas e, conforme a menstruação aparece, há uma grande quebra no esperado e desejado para aquele mês”.

Enfrentando desafios

Os dados da OMS, citados anteriormente, estão no site da entidade no documento Infertility. Apesar dos números, o problema ainda é pouco visível, pois muitas famílias não compartilham os casos e os tratamentos com outras pessoas. Rosângela seguiu fazendo o tratamento receitado pelos médicos, mas a gravidez não vinha. “Comecei a achar estranho o porquê de não acontecer, visto que, surpreendentemente, a síndrome de ovários micropolicísticos desapareceu”. Em 1997 ela e o marido iniciaram novas investigações sobre ele e descobriram que Flávio possuía varicocele – uma dilatação anormal das veias testiculares – conhecida também como varizes da bolsa testicular. A doença não é rara estima-se que atinge cerca de 15% dos homens em todo mundo. Pode ser corrigida, por meio de um procedimento cirúrgico chamado varicocelectomia, mas Flávio fez essa cirurgia em 1999 e não deu certo.

A Associação Brasileira de Reprodução Assistida (SBRA) estima que cerca de 35% dos casos de infertilidade estão relacionados à mulher, outros 35% ao homem, 20% a ambos e 10% provocados por causas desconhecidas. No entanto, a maior parte do peso da infertilidade, socialmente falando, recai sobre a mulher. A OMS também advertiu em seu documento que é necessário discutir a infertilidade de forma mais ampla, pois debater o assunto pode também mitigar a desigualdade de gênero. Para a médica Maria Eduarda Amaral, de Brasília, especializada em Fertilidade e Reprodução, existe o estigma de que a infertilidade é um problema feminino por visões antiquadas e machistas com relação ao que se espera de homens e mulheres. “Existe o estigma como se um homem infértil fosse menos viril então acredito que esses homens tenham receio em comentar sobre esse diagnóstico”.

A vida com infertilidade, o desejo de ter um filho e as perdas no caminho

A mineira de Bom Jesus do Galho Tatiana Cunha, 37 anos, tem um rapaz de 21, mas queria ser mãe novamente. “Fui mãe muito nova, não foi uma gestação planejada e não tinha condições psicológicas e nem financeiras para curtir aquele momento”, conta. Algum tempo depois e já em outro casamento, tentou engravidar, o marido, vasectomizado, fez uma reversão da cirurgia anterior, mas sem sucesso. Depois e ficar viúva, Tatiana, em novo relacionamento com um homem que não tem filho, há seis anos tenta engravidar novamente. Enfrentou um aborto e uma gravidez tubária que resultou em cesárea de emergência, mas o sonho não acabou. “Sorrimos, sonhamos, choramos, vivemos o luto, a decepção, e os nossos momentos de fé que tem nos segurados de pé, porque entrar no mundo da Reprodução Humana é algo que muda tudo em nossa volta”.

“não sabemos em qual ciclo dará certo e de qual forma virá o filho possível, o que deixa o período de tentativas recheado de eventos geradores de ansiedade e frustração”.

A psicóloga Carolina Mattar, 28 anos, especialista em saúde mental na reprodução assistida, que também passou por um processo de fertilização in vitro (FIV), alerta que a infertilidade pode trazer dificuldades emocionais, como a ansiedade. A terapeuta e o marido, o músico e produtor multimídia John Menger, 32 anos, de Pelotas (RS), iniciaram um processo de tentativas de conceber um filho durante o período da pandemia e hoje são pais do pequeno Davi, de quatro meses. Afirma a psicóloga: “Quando decidimos ter um filho, criamos expectativas e, conforme a menstruação aparece, há uma grande quebra no esperado e desejado para aquele mês”. Depois, “não sabemos em qual ciclo dará certo e de qual forma virá o filho possível, o que deixa o período de tentativas recheado de eventos geradores de ansiedade e frustração”.

“Querida infertilidade, eu odiava você...”

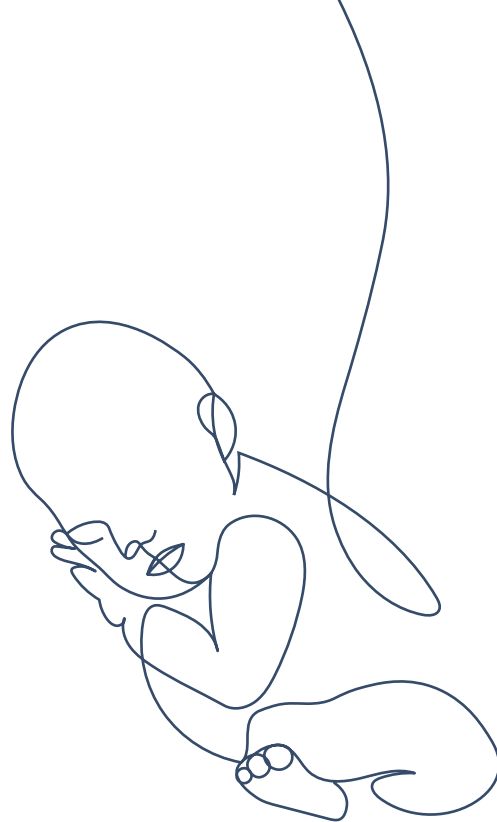
A dificuldade para realizar o sonho da gravidez não é incomum, mas a maioria das pessoas que passam por isso evita falar sobre o assunto. Dados de 2019 da Associação Brasileira de Reprodução Assistida revelaram que a infertilidade conjugal afeta de 10 a 15% dos casais em idade reprodutiva no mundo. No Brasil pode alcançar oito milhões de pessoas. A analista de suprimentos Fernanda Savignon, do Rio de Janeiro, 40 anos, encontra-se dentro dessa estatística. A carioca relata que nunca pensou em ser mãe antes de conhecer o atual marido, mas seu desejo mudou assim que começaram a namorar. É uma luta de sete anos: “Não faço nada sem que tenha foco no nosso filho. Nossa última viagem faz anos”.

Comunidade online e ajuda mútua

Carolina Mattar e John Menger fizeram um webdocumentário de duas temporadas na plataforma Youtube chamado #davibabyboy, durante as tentativas de engravidar e todo o período de gestação. Segundo John, a vontade de ter um filho sempre foi algo presente em sua vida, mas o processo “foi desgastante, frustrante e de muita expectativa, até enfim realizarmos esse sonho”. A jornada do casal gaúcho rendeu treze episódios de uma série, que podem ser assistidos no canal John Menger (youtube.com/c/JohnMengerMusic). Além disso, Carolina, que já tinha interesse em temas como maternidade desde sua graduação, resolveu se especializar em Psicologia na Reprodução Humana e hoje em dia atua auxiliando famílias em processo de reprodução assistida, tentantes, gestantes, mulheres e mães a enfrentarem suas jornadas.

“Querida Infertilidade, eu odiava você. Você rouba sonhos. Você parte corações. Você traz luto. Você consome vidas. Você é a razão pela qual eu não consegui engravidar por conta própria. Você afundou meu coração em pura angústia por não conseguir ser mãe como a maioria das mulheres pode. Você me disse que meu corpo não era bom o suficiente”. Essa carta foi escrita pela americana Desiree Fortin após lidar e vencer a infertilidade. Hoje, ela é mãe de trigêmeos (fruto de um tratamento, além de uma garotinha, que veio de surpresa). A americana, que escreve no blog *The Perfect Mom* (<https://theprecfectmomblog.com>) e possui páginas no Facebook e Instagram, começou a escrever como um tipo de terapia, e essa escrita a auxiliou no processo de lutar pela fertilidade. Assim como fez Desiree, que escrevia para americanos, no Brasil existe toda uma comunidade online de mulheres e homens que lutam contra a infertilidade. Alguns usam pseudônimo, outros não.

Priscila*, carioca de 46 anos, achava que iria se “casar e ter uma família de pelo menos dois filhos, mas não aconteceu assim”. O relacionamento esperado por ela não veio e, cansada de esperar pela pessoa certa, decidiu juntar dinheiro e fazer uma produção independente, mas após uma decepção amorosa, desistiu do sonho de ser mãe. Em 2021, ao completar 45 anos, ela parou de evitar a gravidez, que chegou de surpresa. “Eu não estava preparada pra ser mãe, mas aquele sentimento antigo de gestar tomou conta da minha vida e eu passei novamente a sonhar e a amar a ideia”, relembra. Para relatar a vivência, criou um perfil no Instagram chamado @gestanteaos45, em que fala sobre os dias de gestação e as sensações que vivenciava. Mas um sangramento na nona semana de gravidez, em maio de 2021, encerrou o sonho. Hoje em dia, Priscila continua pos-



tando no perfil @gestanteaos45, que funciona como válvula de escape e um diário de seu desejo e tentativas de ser mãe.

A professora e psicoterapeuta Marina*, gaúcha casada de 44 anos, viu o desejo de ser mãe aparecer tardiamente e, durante as tentativas de ter um filho, percebeu que muitas experiências são frustrantes, desgastantes, além de dolorosas. “As tentativas me absorveram. Era como se outros campos da vida tivessem ficado congelados durante esta jornada, que chamo de saga”. Depois de alguns anos, exames negativos e abortos, precisou estar em terapia e utilizar antidepressivo, mas percebeu que os momentos difíceis também contribuem para humanizar as pessoas. Abriu grupos de apoio nas mais diferenciadas plataformas de comunicação, nos quais disponibiliza informação e apoio emocional. “Depois de alguns anos, ficou intolerável continuar me deparando com a falta de informação, pois ela afeta vidas e projetos de família”. Os grupos de apoio organizados por Marina são de acesso restrito e têm mulheres de toda a parte do Brasil e de outros países.

Direitos Reprodutivos e falta de legislação

Estima-se, segundo informa o site da Associação Brasileira de Reprodução Assistida (SBRA), que mais de nove milhões de bebês nasceram por técnicas de reprodução assistida, que são muito caras para a maioria das pessoas. A OMS sinalizou, em seu relatório de 2020, que o tratamento para fertilidade precisa ser universal, porque embora as tecnologias de reprodução tenham avançado e proporcionado o nascimento de milhões de crianças, ainda estão indisponíveis ou são inacessíveis em muitas partes do mundo, particularmente em países de baixa e média renda.

A Dra. Maria Eduarda Amaral explica que são poucos os serviços do SUS (Serviço Único de Saúde) que oferecem tratamentos para reprodução humana e a fertilidade in vitro não é coberta no rol da ANS (a Agência Nacional de Saúde). As medicações são caras, assim como os insumos de laboratório, que requerem uma tecnologia muito avançada. “Existem os gastos com exames, muitos não disponíveis no SUS e não são cobertos por planos de saúde”. Além de obstáculos financeiros, há outra preocupação para brasileiros que precisam recorrer à reprodução assistida: o aparato legal que rege o assunto é basicamente inexistente.

O planejamento familiar está expresso na Constituição Federal, no § 7º do art. 226, como um direito fundamental, baseado no princípio da dignidade da pessoa humana e que, por essa razão, deveria ser assegurado pelo Estado. Mas, entre o disposto e o exercício desse direito na realidade, existe um vácuo legal. A verdade é que o país tem sido omisso no que diz respeito à criação de uma lei específica que trate da reprodução assistida. Na prática, o assunto tem

sido regulado por resoluções do Conselho Federal de Medicina (CFM), o que faz com que tenha um caráter mais administrativo do que legal.

As normas éticas que regulam a utilização das técnicas de reprodução assistida no Brasil foram atualizadas pelo CFM em 2021, por meio da Resolução nº 2.294/21. “Infelizmente, o Brasil não está nem perto de garantir esse direito fundamental aos cidadãos”, explica a advogada especialista em direito médico e da saúde Amanda Potgman, de São Paulo. Segundo ela, além da falta de legislação apropriada sobre o tema, existe a “falta de representatividade jurídica de parcela da população”.

A brasileira Cecília*, de 43 anos, se submeteu a mais de três procedimentos de fertilização in vitro. “Gastamos todas as nossas economias para realizar esse sonho”, relata. Do total de 38 óvulos coletados, teve apenas um embrião viável para transferência, que, infelizmente, não deu certo. Embora as técnicas em laboratório sejam avançadas, a reprodução assistida é difícil para mulheres que passaram dos 40 anos, como é o caso de Cecília.

Tramita atualmente na Câmara Federal o projeto de lei (PL) 1184, de 2003, com parecer do relator, o deputado Diego Garcia (PODE-PR), que pode prejudicar ainda mais o processo de reprodução humana no Brasil. Entre outras determinações, limitaria a aplicação da reprodução assistida a mulheres e casais heterossexuais e a dois o número de óvulos que poderiam ser fertilizados em um tratamento. Surgiu uma mobilização contra o projeto e Daiana Gomes Bento, de 34 anos, funcionária pública municipal e moradora em Bertioga, no litoral de São Paulo, encabeçou a criação de uma Associação Nacional de Apoio à Fertilidade (Anfer), da qual é presidente.

Daiana também alimenta o desejo de ser mãe desde cedo. “Ainda adolescente, conversando com as amigas, todas querendo viajar, ter carro, namorar e nunca querendo filhos e eu já sonhava em constituir família”, relata. Em 2014, ela começou as tentativas de realizar o sonho de ser mãe e passou por muitos obstáculos. Acumulou experiência e força interna para auxiliar outras mulheres que enfrentam a infertilidade, criando grupos de ajuda e páginas no Instagram. Hoje, após sete anos de busca pessoal, Daiana conseguiu o seu positivo, mas nem por isso deixou de lutar pela causa.

Barriga solidária x barriga de aluguel

A baiana Sheila*, de 37 anos, casada há 13, o mesmo período que tenta a maternidade, com vários problemas de saúde. Ela perdeu uma trompa devido a uma infecção na parte direita do abdômen, causada por uma apendicite, e possui uma obstrução na trompa esquerda, o que faz com que uma gravidez natural seja impossível. Sem as trompas, a única maneira de engravidar é por fertilização in vitro, mas, mesmo realizando o procedimento três vezes, Sheila não consegue gerar os embriões, pois tem o útero cheio de miomas intramurais – tumores uterinos benignos formados por tecido muscular – mesmo tendo passado por duas cirurgias complexas.

Ela precisa, então, utilizar o recurso de útero de substituição: doação temporária do útero de uma mulher à outra mulher, ou casal, para gerar o embrião (com os genes dos pais) originário de laboratório, por meio de uma fertilização in vitro. Mas Sheila não possui pessoas que poderiam servir de útero de substituição para que ela possa ser mãe. Assim como Sheila, a influencer Camila Pavan, de 34 anos, de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, viu no procedimento a única solução para realizar o sonho de ser mãe.

Desde a infância portadora de AME (Atrofia Muscular Espinhal), depois de mais de 10 anos tentando engravidar, descobriu em consulta nos Estados Unidos que a real doença que possuía era a Miopatia de Bethlem, distrofia muscular de progressão lenta que, entre outros sintomas, a impedia de carregar um bebê. “Eu não posso carregar o peso da barriga e também poderia passar a minha doença para a criança através do meu óvulo, então fiz um tratamento de barriga de aluguel com óvulos doados”.

No Brasil a legislação não permite utilizar a chamada “barriga de aluguel” para gerar uma criança (o que poderia resolver os problemas de Sheila e Camila). Por isso, quem tem condições financeiras busca alternativas em outros Países. O ator Paulo Gustavo (1978-2021), que faleceu ano passado em consequência da Covid-19, foi pai dos gêmeos Romeu e Gael, de dois anos, por meio barriga de aluguel nos Estados Unidos. Mas ter filho dessa forma no país norte-americano pode custar até US\$ 120 mil (em torno de R\$ 600 mil, na cotação do final de março de 2022). Camila optou por fazer o tratamento na Ucrânia, onde custa cerca de € 39 mil (R\$ 208 mil). Hoje, é mãe de Pietra, de 2 anos, e presta consultoria para pais que desejam ter seus filhos por meio de barriga de aluguel.

A Ucrânia tornou-se um destino popular para quem precisa de barriga de aluguel, pois, além ser um dos poucos países que permitem o serviço para estrangeiros, tem o custo de tratamento mais acessível que a média de outras nações. Estima-se que entre 2.000 e 2.500 bebês nascem a cada ano por meio de barriga de aluguel na Ucrânia, com tratamentos, entretanto, restritos a casais heterossexuais. A recente invasão da Rússia ao país tem causado preocupação a casais de todo o mundo, inclusive de brasileiros.

* Nomes trocados a pedido das fontes

ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS

Ensaio: Janine Moraes

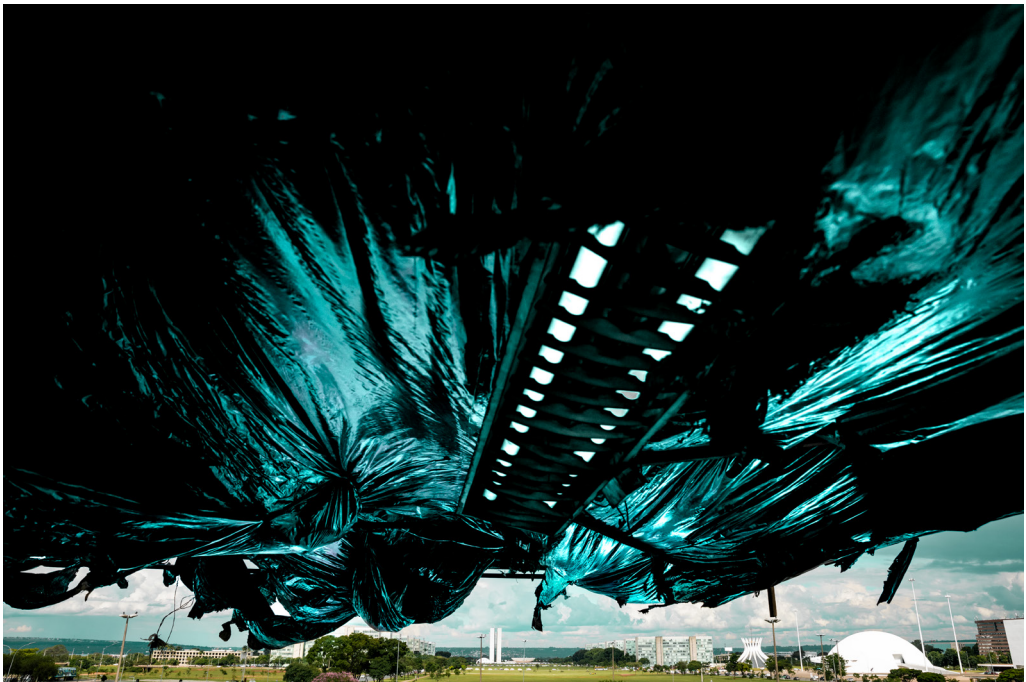
Diagramação: Júlia Guedes

Há 13 anos perambulo pela Esplanada dos Ministérios, buscando construir imagens que ajudem a complexificar o debate em torno deste espaço e situá-lo no tempo politicamente. Este projeto começa a tomar corpo mesmo quando deixo cair meu hd com tudo que já havia produzido. Ao recuperá-lo, preciso reorganizar seu conteúdo e percebo, então, um trabalho em construção, com recorrências, que passo a perseguir de maneira mais consciente: sombras chapadas, em que espaços se abrem e convidam para a participação na construção de sentido; intervenções humanas na paisagem; a presença insistente do céu, que acentua o apequenamento frente a monumentalidade e apresenta um desvio de cor, como grifo da atmosfera estranha fotografada. Essa marca de cor se re-elabora a partir do encontro com a sombra das palavras do xamã yanomami David Kopewawa, que atestam como gastas e frágeis as estruturas do céu, prestes a desabar. Um trabalho sem fim, nascido do andar e fotografar compulsivos incorporando sentido no caminho. Em, Brasília, “um céu que pode cair, que cai, que já caiu, e que sobretudo, pode ser levantado”, como nos encoraja Ailton Krenak.























ATAQUE AO ALVO

O cancelamento como a “cultura” que não dá chance ao tropeço, mas celebra ódio e ostracismo.

Texto: Maria Eduarda Cidrão
Diagramação: Isabella Lucena

Em um mundo que se modifica, quase minuto após minuto, é notório o quanto as culturas mudam e novos fenômenos surgem, enriquecendo — ou não — o modo de vida de uma sociedade. Boicotes, linchamentos e críticas existem desde que o mundo é mundo, mas foi em 2017, no universo à parte da internet, que uma nova era surgiu: o cancelamento digital. Nesse período, o verbo cancelar foi diagnosticado como cultura, mencionado e viralizado cotidianamente, com fervor, nas redes sociais. Freud, médico citado de forma assídua nos estudos da psicanálise, conceituou o termo cultura como sinônimo de civilização. Como considerar cultura, então, um movimento que se caracteriza pela forma moderna de banir, coletivamente,

uma pessoa ou grupo? Como assimilar que a ação de odiar alguém por discordar de uma posição, atitude ou comentário se tornou parte cultural do ato de civilizar-se? “A humilhação pautada no ódio nunca é a melhor forma de tentar conscientizar alguém. Vai para além do trauma, que foi o que eu senti”, disse Victoria Paiva, de 20 anos, vítima do cancelamento coletivo, que assola as mais diversas classes e vertentes, do anônimo ao célebre. A jovem, enfermeira em formação pela Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS), relata que participou de uma comemoração com amigos durante o período de quarentena da pandemia da Covid-19, no início de 2020, sendo exposta e xingada virtualmente por seus “colegas” de faculdade, quando souberam que ela compareceu ao evento.



“Foi uma forma muito errônea de tentar conscientizar e corrigir com ódio, humilhação e exposição.”

O episódio tomou uma proporção jamais esperada pela aluna, que detalhou, em tom de desabafo: “Esse relato machuca porque foi uma repercussão que não pode ser mensurada. Teve alcance em várias redes sociais e chegou a diversos tipos de pessoas, para além da minha turma ou faculdade”. Victoria, na época, caloura, estava com altas expectativas relacionadas à vida acadêmica, mas teve o êxtase rapidamente substituído pelo sentimento de culpa, já que em pouco tempo a história se expandiu a inúmeros alunos que, coletivamente, efetuaram uma série de comentários com retaliação e falas de ódio, incluindo expressões pejorativas e preconceituosas. “Quem eu ver furando quarentena, vai ser exposto”, digitou um integrante de um grupo do WhatsApp em que a aluna estava inserida. “Alô, é da central de cancelamento?”, escreveu outro, enfatizando que cancelar Paiva era um ato proposital. “Tiveram a ideia de que eu seria proibida de participar do processo de apadrinhamento de calouros, um evento tradicional da faculdade. As pessoas deixaram claro que se dependesse delas, eu não teria nenhum tipo de suporte acadêmico”, lembrou a futura enfermeira. A atitude dos canceladores diante de Victoria comprova que, além do boicote digital, o fenômeno do cancelamento abrange punições mais severas que saem da rota virtual para uma ameaça, atingindo também a vida moral e social do cancelado, de modo a provocar, intencionalmente, exclusão.

Assim como na vida anônima de Victoria Paiva, um episódio semelhante ocorreu no mundo da fama, no mesmo período, por um motivo paralelo. Gabriela Pugliesi, influenciadora digital, também não foi poupada da mira do cancelamento virtual quando, após fazer uma festa em sua casa no tempo de distanciamento social, foi atingida por xingamentos coletivos, perda de seguidores, patrocínios e revolta por parte daqueles que a conheciam. Na realidade de Victoria, entretanto, os impactos foram devastadores, principalmente em sua rotina, que foi atingida nos afazeres mais comuns. “Eu não conseguia dormir, não conseguia comer e tinha crises de ansiedade constantes. Me sentia bombardeada a todo momento. Não tinha mais concentração, interesse e motivação em estudar”, relatou.

A estudante deixou claro por diversas vezes que se arrepende da atitude, principalmente pela responsabilidade da profissão que escolheu para atuar, mas gostaria de ter sido retratada de outra maneira: “Foi uma forma muito errônea de tentar conscientizar e corrigir com ódio, humilhação e exposição. Poderiam, privadamente, ter chegado até mim com uma visão diferente, me mostrando o que eu errei e como isso me influenciava como profissional da saúde em formação”. O fato de experimentar o “caminho mais difícil” para alcançar o aprendizado gerou traumas em vários aspectos da vida de Victoria, que diz ser conhecida até hoje como “a menina do cancelamento”. Embora a referência seja desagradável, Paiva se orgulha do ofício que escolheu e não admite ser generalizada pelo episódio. “A Victoria da época ficou muito

“Poderiam, privadamente, ter chegado até mim com uma visão diferente, me mostrando o que eu errei e como isso me influenciava como profissional da saúde em formação”.

assustada com tudo que aconteceu, sabia que tinha errado, que faltou consciência, ainda que primária, mas foi muito crucificada e aprendeu pela dor. Mesmo assim, levo minha profissão com muita seriedade, respeito, comprometimento e dedicação”, complementou. Apesar do cenário de ódio vivenciado pela estudante, nem tudo foi maléfico, pois em meio à experiência de exclusão, uma pessoa da liderança da faculdade foi peça fundamental de apoio, visto que a recebeu, de forma humana e acolhedora, diferente dos demais. É relevante intervir com esse resgate de esperança que conserta, humanamente, em meio à condenação, vista por muitos como “moda” ou “cultura”, mas que, na prática, é uma crucificação exponencial traumatizante, como foi para Paiva.

“Foi um tipo de anulação da minha história, como se eu tivesse que apagar o que eu vivi”, manifestou Ane.

Não muito distante, entre a vida cotidiana da jornalista e escritora Ane Gotlib (32 anos), o cancelamento também bateu à porta quando, em 2019, ela criou um canal na plataforma YouTube e anunciou, de forma pública, que estava divorciada. Mais adiante, em 2020, a também mestranda em comunicação, lançou o livro *Existe vida além do divórcio?*, mas foi duramente criticada. Gotlib, ao relembrar o episódio, detalha: “Pessoas bem próximas, inclusive, queriam cancelar as minhas ideias por preconceitos e tabus. Queriam que eu deixasse de publicar coisas. Até hoje as pessoas se espantam quando eu falo que tenho um livro com o tema divórcio”.

Ane conta com mais de 11 mil seguidores em seu perfil do Instagram e comenta que nunca viu problema em utilizar a expressão “divorciada” em seus perfis. Mesmo assim, foi cercada, até em grupos de WhatsApp, por pessoas que igualavam o divórcio ao fracasso. “Nas redes, as pessoas falavam que uma mulher divorciada era sinônimo de derrotada, que deixar isso público não era uma coisa positiva sobre mim”, afirmou.

“PESSOAS BEM PRÓXIMAS, INCLUSIVE, QUERIAM CANCELAR AS MINHAS IDEIAS POR PRECONCEITOS E TABUS.”

Quando o assunto da sua vida pessoal se tornou discussão em um grupo que estava inserida, Gotlib disse que foi tomada por choro, pois era um momento delicado, em que o cancelamento foi uma forma de enquadrá-la no mundo que as pessoas queriam, e não no seu próprio enredo. “Foi um tipo de anulação da minha história, como se eu tivesse que apagar o que eu vivi”, manifestou Ane.

Permeando a história da jornalista, é possível compreender que há histórias exclusivas por trás de cada contexto de julgamento. Ainda que os olhares tentem justificar o ódio como “conserto”, ninguém, além de quem vivenciou um cancelamento, pode explicar como é cruel e devastador estar na posição de cancelado. No caso de Ane, que teve depressão enquanto estava casada, os dedos que apontavam não entendiam que o divórcio, na verdade, a salvou de uma morte emocional já que, segundo a escritora, aquilo [o casamento] já não fazia mais bem. Fortalecida e estabilizada, Gotlib conclui que, assim como ela, “várias mulheres são, na verdade, salvas pelo divórcio”.

Como sociedade, há um longo caminho a trilhar, principalmente nos percursos da internet, para que a correção se torne uma cultura com espaço à reparação, mesmo em meio aos tropeços de conduta. Foi o que expressou, mais uma vez, Victoria: “Todo mundo tem o direito de errar, mas também tem o direito de aprender”.

É proibido descansar

Victoria Paiva, Gabriela Pugliese e Ane Gotlib, realidades diferentes, mas alvos do mesmo tribunal: a internet. Como elas, Karol Conká (cantora), Bruna Marquezine (atriz) e muitos outros nomes, incluindo os anônimos, foram envolvidos em um mar de ataques, sem direito ao deslize, muito menos ao conserto. Ameaças, isolamento e perda de prestígio são apenas algumas das penas desejadas — e celebradas — pelo júri atento a cancelar.

No mundo dos vivos, ser boicotado é dolorido, mas a sociedade não dá descanso nem aos que tiveram, na prática, o CPF cancelado. Olavo de Carvalho e Marielle Franco, por exemplo, foram figuras polêmicas com ideologias, cargos e posicionamentos absurdamente distintos, mas alcançaram a unanimidade de manter viva a “cultura” do cancelamento, por parte de seus opositores, mesmo após a chegada da morte.

A podridão que assola os dedos que digitam em forma de veneno é a mesma da boca de quem destila ódio ao celebrar a morte de um semelhante. Gênias ou tolos, seres humanos têm em comum o mesmo fim, por isso não cabe ao dedo apontar, à língua afiar, ao ódio gritar. Não cabe.

Por um momento, é preciso que o ego ideológico e político, apesar de válido, seja desarraigado, pois não se encaixa em todos os âmbitos, inclusive no fúnebre. Nesse não há palanque, não há festa, não há opinião. Há apenas silêncio.

A torcida — escrachada ou velada — pela queda de um inimigo pode revelar o respeito ou a carnificina que habita cada ser humano, limitado e (pasmem) destinado ao mesmo ambiente póstumo.

Que a liberdade de expressão não dê brecha aos infames discursos de ódio! Que o ‘achismo’ não dê direito de emitir juízo! Que o anseio pela correção alheia nunca roube a humanidade!

“Todo mundo tem o direito de errar, mas também tem o direito de aprender”.

- Victoria Paiva, estudante de enfermagem



CAMPUS REPÓRTER Nº 27

Edição executiva (Coordenador)
David Renault

Edição de arte
Celia Matsunaga

Edição de fotografia
Marcelo Feijó

Edição de texto
David Renault

Direção de arte
Júlia Guedes Anacleto
Isabella Souza de Lucena
Giulia Caldas Soares

Reportagem
Manoella Oliveira e Ruan Acioli
Andreia Moraes
Maria Eduarda Cidrão

Ensaio Fotográfico
"Esplanada dos Ministérios"
Janine Moares

Projeto gráfico e diagramação
Júlia Guedes Anacleto
Isabella Souza de Lucena
Giulia Caldas Soares

Fotografia
Janine Moraes
Ilogi Chirola
Débora Guedes

Ilustração
Isabella Lucena
Júlia Guedes Anacleto

Capa
Camilla Fernandes

Projeto website
Interface gráfica

Henrique Uyeda Nagae
Manuela Ferraz de Souza Barbosa

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Diretora
Dione Moura

Vice-Diretor
Armando Bulcão

Chefe do Departamento
de Jornalismo
Solano Nascimento

Chefe do Departamento de
Audiovisuais e Publicidade
Isabela Lara

Chefe do Departamento de
Comunicação Organizacional
Fabiola Orlando Calazans

Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Comunicação
PPG FAC
Fernanda Martinelli



Campus Universitário Darcy Ribeiro,
Faculdade de Comunicação,
ICC Ala Norte - CEP: 70.910-900 Brasília-DF
Tel: (61) 3107-6520 <http://fac.unb.br>
Ano 14, Nº 26 | Dezembro de 2021

<https://www.campusreporterfac.com/>

Atuante como sempre, necessária como nunca



Fique por dentro das iniciativas que celebram os 60 anos da Universidade de Brasília

-  www.unb.br
-  www.facebook.com/oficialUnB
-  twitter.com/unb_oficial
-  [instagram/unb_oficial](https://www.instagram.com/unb_oficial)
-  www.unbtv.unb.br



*Atuante como sempre,
necessária como nunca*

